

Setor financeiro da Europa não crê no apoio ao Plano Baker

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — A declaração conjunta do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, segundo a qual a grande maioria (pelo menos 90%) dos bancos comerciais envolvidos diretamente com a enorme dívida de US\$ 370 bilhões dos países da América Latina aprova integralmente a iniciativa do governo dos EUA conhecida como "Plano Baker", nome do secretário do Tesouro norte-americano (James Baker), não corresponde à realidade. Pelo menos essa é a opinião de importantes setores financeiros europeus. Se os nove principais bancos norte-americanos anunciaram seu apoio a esse plano, tentando arrastar o resto do sistema bancário ocidental, constatam-se algumas resistências significativas — não só na Europa, mas também nos Estados Unidos. Cita-se o silêncio da Associação dos Banqueiros Norte-Americanos, que reúne, além dos chamados *majors* do setor, os bancos regionais, muito mais reticentes à idéia de concessão de novos e amplos créditos aos países endividados. Na Europa, os bancos alemães afirmam que sua resposta só será dada no início do próximo ano, enquanto os bancos suíços não enviaram a sua, afirmando que ainda não sabem se responderão (talvez não) à consulta feita ao conjunto de credores internacionais.

Ora, apesar dessas abstenções, o FMI e o Banco Mundial resolveram anunciar que a maioria absoluta dos bancos envolvidos com a dívida do Terceiro Mundo apoiavam o "Plano Baker". Nessa linha de reserva à iniciativa dos EUA, relaciona-se também a própria resposta dos bancos comerciais franceses, muito mais reservados do que os norte-americanos. Mesmo reconhecendo os aspectos positivos do "Plano Baker", os banqueiros franceses se mostram muito prudentes e não utilizam em seu comunicado a palavra "apoio". Eles anunciam sua colaboração, mas sob reserva, desde que as hipóteses econômicas em matéria de crescimento anunciadas por James Baker se concretizem. Isto é, os bancos franceses exigem esforços financeiros simultâneos das organizações internacionais, além de insistirem na negociação caso por caso e não no estabelecimento de uma lista de "devedores privilegiados" — que são 15, segundo o projeto de James Baker.

Para esses representantes dos grandes bancos comerciais france-

ses, a maior parte organismos de crédito nacionalizados e cuja posição muitas vezes contrasta com a do presidente François Mitterrand, sempre defendendo condições de pagamento mais flexíveis, é preciso reforçar os mecanismos de controles que devem ser exercidos pelas entidades internacionais sobre as economias dos países endividados.

Certas áreas constataam ainda inúmeros pontos que poderão bloquear a aplicação efetiva do plano, razão pela qual acredita-se que outras soluções poderão ser examinadas para o problema do endividamento, entre elas a que prevê a redução das taxas de juros sobre o serviço da dívida, o que só poderá ser feito se houver uma certa compensação para os credores.

A ANÁLISE DOS BANCOS

Uma análise feitas pelos bancos e institutos internacionais revela que, hoje em dia, e ao contrário do que ocorreu recentemente entre os três principais devedores da América Latina, a Argentina passou a ser considerada como "o bom aluno", o México como "um aluno relapso" e o Brasil como um jogador que assume riscos demasiadamente perigosos.

Segundo as organizações financeiras internacionais, o Brasil apresenta-se melhor do que o México sob alguns aspectos, e pior sob outros. Melhor, por ser visto como uma grande potência agrícola, mineral e industrial diversificada, cujo crescimento real passou de 1,5% em 1982 para 7% este ano. Além disso, seu excedente comercial atinge a US\$ 12 bilhões e suas reservas progrediram de US\$ 5 bilhões para US\$ 11 bilhões, sem que houvesse qualquer interrupção no pagamento do serviço da dívida. Mas, por outro lado, o Brasil passou a esnobar o Fundo Monetário Internacional, não renovando seu acordo com essa instituição, na ambição de negociar diretamente com os bancos credores. A massa monetária pôde ser multiplicada por cinco nos últimos três anos; e a inflação no final do ano está perto dos 230%. Para alguns técnicos do FMI, o Brasil tem conseguido caminhar relativamente bem, contra todas as regras ortodoxas, graças ao crescimento. Mas esses técnicos mostram-se céti- cos quanto às possibilidades dessa situação perdurar por muito tempo.